

**ATA DA 1.ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA (ÚNICA REUNIÃO) DA  
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE AMARES, REALIZADA NO DIA  
VINTE E CINCO DE ABRIL DE DOIS MIL E DEZASSETE**

----- Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e dezassete, nesta Vila de Amares e no salão nobre do edifício dos Paços do Concelho, realizou a Assembleia Municipal de Amares a **primeira Sessão Extraordinária** do corrente ano, única reunião, a que presidiu o excelentíssimo senhor Presidente da Mesa – **João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros**, coadjuvado pela Primeira Secretária – **Maria Gracinda Viegas Ferreira Louro Faustino** e pela Segunda Secretária – **Sofia Amélia Araújo Pinto**, e em que participaram os excelentíssimos membros: **Grupo Municipal do Partido Socialista** – Francisco António Pereira Alves, Sofia Raquel Fernandes de Sousa, João Batista Veloso, Mário Mendes, Paula Filomena Ferreira da Silva, João Luís Pereira Teixeira, Valéria da Silva, João Carlos Taveira Ribeiro e os srs. Presidentes de Juntas de Freguesia: de Dornelas – Reny Manuel Vilela Xavier (Representante legal), de Bouro (Santa Maria) – Elisabete Barbosa da Cunha e da União das Freguesias de Ferreiros, Prozelo e Besteiros – Paulo Jorge Almeida Gomes; **Grupo Municipal Movimento Independente Amares Primeiro** – João Luís Veloso Alves Esteves, António Jorge Ferreira Pinto, Manuel Moreira Bastos, José Maria Fernandes da Silva e pelos srs. Presidentes de Juntas de Freguesia: da União das Freguesias de Caldelas, Sequeiros e Paranhos – José Manuel Fernandes Almeida, de Fiscal – Augusto Fernandes Rodrigues Macedo, de Goães – Adelino José Peixoto de Sousa, de Lago – Delfim Manuel Silva Rodrigues, de Rendufe – Domingos de Almeida Alves, União das Freguesias de Vilela, Seramil e Paredes Secas – Rui Manuel Maia Tomada; **Grupo Municipal do Partido Social Democrata** - Elisabete Maria Martins de Macedo, Martinho Gonçalves Antunes Braga e o sr. Presidente de Junta de Freguesia: da União das Freguesias de Amares e Figueiredo – **Alberto Martinho Antunes**, de Bouro (Stª Marta) – Carlos Manuel Vilela Pereira Portela; **Grupo Municipal do CDS-PP**: Rafael Jesus Santos Pereira (em regime de substituição), Vítor Patrício Rodrigues Ribeiro e o sr. Presidente da Junta de Freguesia de Barreiros – Silvério de Jesus Barroso da Silva; **Grupo Municipal da Coligação Democrática Unitária**: Amândio Jorge da Cunha Antunes; **Presidentes de Juntas de Freguesia – Mandatos Independentes**: da Freguesia de Bico – Fernando Daniel Fernandes Soares, Freguesia de Caires – Pedro António Rodrigues da Silva e da União das Freguesias de Torre e Portela – António Emanuel Afonso Ribeiro. -----

O sr. Presidente da Mesa da Assembleia, informou que os membros **João Maria Gonçalves Pereira de Oliveira** do Grupo Municipal do pelo CDS-PP, **José Lopes Gonçalves Barbosa** do Grupo Municipal Independente Amares Primeiro, comunicaram, por escrito, nos termos do disposto no artigo 78.º da Lei n.º 169/99, de 18 de setembro, alterada pela Lei n. 5-A/2002, de 11 de janeiro, as suas substituições, durante o período de vinte de abril e quinze de maio de dois mil e durante os dias vinte e um e vinte e cinco de abril de dois mil e dezassete, respetivamente, pelos

eleitos imediatamente a seguir nas respetivas listas, sendo: **Rafael Jesus Santos Pereira**, eleito pelo CDS-PP e **Agostinho Vilela Pereira Portela**, eleito pelo Movimento Independente Amares Primeiro, respetivamente. Seguidamente, comunicou que os srs. Presidentes da Junta de Freguesia de Dornelas - **António de Araújo Paredes**, integrado no Grupo Municipal do Partido Socialista (GMPS), que também comunicou, por escrito, nos termos do disposto na al. c), do artº 18.º, da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, que se fazia representar, pelo representante legal por ele designado, sendo:- **Reny Manuel Vilela Xavier** – Tesoureiro da Junta de Freguesia de Dornelas, durante o dia vinte e cinco de dois mil e dezassete. Tendo sido verificadas as suas identidades e legitimidades e encontrando-se presentes na sala, os mesmos passaram a participar. -----

**AUSÊNCIAS:** Verificado o mapa de presenças e feita a chamada foi registada a ausência do seguinte Membro: **FALTAS JUSTIFICADAS:** **Agostinho Vilela Pereira Portela** (em regime substituição) do GIAP, que apresentou a justificação em conformidade com o disposto no Regimento desta Assembleia Municipal. -----

**PRESENCAS DO ÓRGÃO EXECUTIVO:-** Estiveram presentes os excelentíssimos Presidente da Câmara Municipal senhor Manuel da Rocha Moreira, o sr. Vice-Presidente Isidro Gomes de Araújo e os senhores Vereadores: Jorge José Tinoco Ferreira, Cidália Maria Alves de Abreu e Maria Filomena da Silva Araújo. **AUSÊNCIAS JUSTIFICADAS:-** **Sara Raquel Marques Ribeiro Leite** (MIAP), por motivos de prestação de assistência a familiar e de **Sandro Miguel de Macedo Peixoto** (MIAP), ausente da região por razões profissionais. -----

Secretariaram a reunião o Técnico Superior - Rui Agostinho Gonçalves Veloso e a Coordenadora Técnica - Augusta Luísa Pinheiro Fernandes da Silva, que haviam sido designados para o efeito. -

A Ordem do Dia para esta sessão era a seguinte: -----

**PONTO 1 – SESSÃO SOLENE DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1974.** -----

Às onze horas, verificando-se que estava reunido quórum e em conformidade com o disposto nos n.ºs 1 e 4, do artigo 13.º do Regimento desta Assembleia, o senhor presidente da Assembleia Municipal declarou aberta a Sessão. -----

#### PERÍODO ANTES DA ORDEM DO DIA

-----**Sr. PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:** Agradeceu publicamente às instituições que colaboraram nas cerimónias protocolares e eventos inclusos no programa das comemorações do 43.º aniversário do 25 de Abril de 1974. -----

----- Para memória futura, transcreve-se na íntegra a intervenção prévia da aluna Catarina Cunha, do Agrupamento de Escolas de Amares – 12.º Ano: “ Bom dia a todos! Começo por agradecer o convite para hoje – dia 25 de abril- estar aqui presente e ter a honra de poder discursar para todos vós, mostrando-vos a minha «leitura» desta celebração. Confesso que abracei este desafio com algum receio, mas sempre com a confiança de que seria capaz de cumprir as expectativas. Escolhi como tema do meu discurso a liberdade, o grande direito conquistado, e como mote inspirador o título de um poema de Manuel de Alegre que transformei, para poder afirmar em primeira pessoa e com a devida carga simbólica: *sou rapariga do país de abril*.

Encontramo-nos, hoje, aqui, para comemorarmos, então, a liberdade conquistada no dia 25 de abril de 1974, um dia que ficará para sempre na história e memória do povo português como um dia triunfal. Há 43 anos atrás, ouviram-se na rádio as vozes de Paulo de Carvalho e José Afonso, por esta ordem, a interpretaram respetivamente as canções: “E depois do Adeus”, “Grândola, Vila Morena”. Este foi o sinal lançado ao Movimento das Forças Armadas para que estas avançassem e pusessem um ponto final na ditadura iniciada por António de Oliveira Salazar, devolvendo a liberdade ao nosso país. Enquanto os restantes países da Europa progrediam em democracia, o regime do Estado Novo mantinha Portugal fechado a novas ideias. Portugal ficou, assim, mergulhado num regime de censura durante 48 anos, o período de ditadura mais longo da Europa Ocidental. Mas nesse dia a senha foi bem interpretada e o sonho tornou-se revolução, sem mancha de sangue e com cravos na mão. Por isso, hoje, vivemos em liberdade. Posso dizer que nasci e cresci a conhecer a cor da liberdade. Mas o que é verdadeiramente a “liberdade”? Será que conseguimos dar uma definição objetiva e concreta deste direito humano? De acordo com a filosofia, “liberdade” corresponde à independência do ser humano, ao seu poder de autonomia e de espontaneidade, o que significa fazer escolhas segundo a vontade de cada um, poder agir segundo o livre arbítrio, expressando opiniões e crenças sem sermos censurados. Segundo o Artigo n.º3 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, todos os indivíduos têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Assim sendo, pergunto-me como é que alguém é capaz de privar um povo deste direito tão importante! Somos humanos, temos milhares de pensamentos todos os dias sobre os mais variados assuntos, construímos opiniões e fundamentamos ideias, tornando-se necessário que em algum momento possamos expressar o nosso ponto de vista, argumentar e discutir ideais. Só é possível que um país cresça e que a sociedade evolua se pudermos apresentar as nossas opiniões, pois só assim conseguimos debater e tomar as decisões mais certas. Quando algo nos parece errado ou não concordamos com o caminho que os nossos representantes querem tomar, não só devemos como precisamos de ter o direito de nos manifestarmos. Assim, a liberdade é algo imprescindível, do qual o ser humano é incapaz de abdicar por vontade própria. Temos liberdade para expressar as nossas crenças, liberdade para agirmos de acordo com as nossas vontades, liberdade para fazermos escolhas, liberdade para sonharmos e seguirmos o caminho que acreditamos ser o melhor para atingirmos os nossos objetivos individuais e enquanto cidadãos. Ser livre não é uma escolha, mas um direito! Por isso, não podemos deixar que alguém tenha a ousadia de atentar contra a nossa liberdade.

Sem ela, ficamos reduzidos a “*cadáveres adiados que procriam*”, como disse Pessoa, a meros corpos ambulantes conduzidos por mentes aprisionadas que não conseguem sonhar para além das barreiras impostas, ou de lutar por aquilo que nos define enquanto seres humanos. Natália Correia metaforizou bem a manipulação e coação castradoras impostas pelo antigo regime nos versos cantados por José Mário Branco: «*Dão-nos um cravo preso à cabeça/e uma cabeça presa à cintura/para que o corpo não pareça/a forma da alma que o procura//Dão-nos um esquife feito de ferro/com embutidos de diamante/para organizar já o enterro/do nosso corpo mais adiante*». Foi contra esta limitação aprisionadora que muitos (os mais conscientes e destemidos) se insurgiram, foi em nome da liberdade e para alcançar este direito maior que muitos (heróis) portugueses resistiram e persistiram, sonhando abril em muitas noites escuras. E «felizmente [houve] luar». Na madrugada do dia 25 de abril de 1974, invadidos por um espírito de revolta e indignação, os Portugueses, este povo predestinado a tão grandiosos feitos (como nos mostram Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa nos seus poemas épicos), comandados pela vontade inconformada de alguns capitães, levantaram-se e quiseram dizer não, marchando unidos em busca da liberdade e fazendo a revolução, pondo fim a um regime que parecia inabalável. E, como diz num longo poema Ary dos Santos, do qual cito alguns versos: *Foi esta força sem tiros de antes quebrar que torcer esta ausência de suspiros esta fúria de viver este mar de vozes livres sempre a crescer a crescer que das espingardas fez livros para aprendermos a ler que dos canhões fez enxadas para lavrarmos a terra e das balas disparadas apenas o fim da guerra Foi esta força viril de antes quebrar que torcer que em vinte e cinco de Abril fez Portugal renascer*

A alegria da “conquista” transbordou nas ruas que se encheram de esperança. E «*o grito que foi ouvido,/ tantas vezes repetido,/ dizia que o povo unido/ jamais seria vencido*». Carregaram-se as armas de cravos vermelhos e brancos para celebrar a madrugada que há muito se esperava, «*o dia inicial inteiro e limpo/ Onde emergimos da noite e do silêncio/ e livres habitamos a substância do tempo*», como o define Sophia de Mello Breyner num curto e belo poema evocativo deste notável acontecimento. Hoje, somos este país democrático, aberto a novas ideias e predisposto a discutir diversas opiniões e soluções, graças aos homens – heróis que, durante esses longos anos de trevas e silêncio, não se vergaram à opressão, não se deixaram calar e arriscaram as suas vidas - foram perseguidos, presos, deportados...-, mas resistiram sempre, com palavras que escreveram, canções que ousaram entoar, ações que prepararam o caminho para o grande dia que hoje e sempre deveremos evocar. Agradeço-lhes a coragem, a ousadia e a força de lutarem pela pátria livre que herdei e onde sou “*rapariga do país de abril*” (título de um poema de Manuel Alegre), com direitos reconhecidos, oportunidade de estudar e de criar sem constrangimentos, com acesso à cultura e a horizontes abertos a constantes novidades. Não obstante as vicissitudes e as limitações, sobretudo de ordem económica, que condicionam em parte algumas liberdades e alguns ideais da democracia, conquistados com a revolução de abril, vivo hoje num tempo indiscutivelmente melhor do que o da ditadura, que me foi dado a conhecer no estudo da História, nos documentários televisivos a que já assisti, na leitura de obras literárias, em filmes e através dos depoimentos vivos que escutei, entre outros registos que são memória de

um tempo que não se poderá repetir, mesmo que com outras roupagens. Como bem diz o poeta Ary dos Santos: «*agora ninguém mais cerra/as portas que Abril abriu*!» A minha esperança, um tanto ingénua (característica da minha juventude), faz-me acreditar nestas palavras, faz-me crer que caminhamos para a construção de um país inovador e incapaz de voltar a cometer erros que no passado foram tão condenáveis e desprezíveis. Por isso, torna-se necessário recordar estas datas que marcaram a História de Portugal, tomando como exemplo de força de vontade e a coragem de todos os que lutaram por aquilo que hoje somos. Assim, peguemos nos cravos vermelhos, coloquemo-los ao peito e sintamos o mesmo orgulho de conquista que sentiu o nosso povo neste mesmo dia em 1974! E façamos desta data um emblema, para que a revolução de abril nunca perca a sua essência. 25 de abril Sempre! Viva a Liberdade! Viva Portugal! Muito obrigada a todos!” -----

## ORDEM DO DIA

**PONTO ÚNICO:- SESSÃO SOLENE DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1974. -----**

----- **AMÂNDIO JORGE DA CUNHA ANTUNES (CDU):-** Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Abril continua a ser o Futuro de Portugal. Será modesta, mas é sincera a homenagem que daqui prestamos aos “Capitães de Abril” que na histórica madrugada de 25 de Abril de 1974, com audácia e grande coragem, derrubaram a ditadura fascista que oprimia e sacrificava o nosso povo, condenando Portugal ao atraso e ao subdesenvolvimento. Fascismo que conduziu à morte e estropiou milhares de jovens numa criminosa guerra colonial, impôs intoleráveis condições de vida e de trabalho ao povo, obrigou à emigração de centenas de milhar de portugueses, reprimiu as mais elementares liberdades, em nome de um pequeno grupo de monopolistas e grandes latifundiários. A tudo isto puseram termo os militares de Abril. Por tudo isto, o nosso reconhecimento pela liberdade conquistada. Um regime democrático que é fundamental defender. O nosso regime democrático, fundado no dia 25 de Abril de 1974, que ancorou a sua estrutura essencial na elaboração da Constituição da República. Cabe a todos nós, cidadãos deste país democrático, lembrar e inscrever a luta pela Liberdade e pela consagração da Constituição da República, que foi aprovada pela quase totalidade dos deputados da Assembleia Constituinte, à exceção do CDS. Já aqui antes o lembrámos, a celebração de Abril deve extravasar as paredes institucionais, e as margens dos papéis dos discursos, e ser vertida, diariamente nas vidas dos nossos jovens que já nasceram após a madrugada libertadora. A nossa Revolução Democrática e Nacional incumbe-nos de responsabilidades redobradas, visto que estamos a comemorar Abril perante uma franja da população que ainda não tinha nascido, um grupo populacional que cresceu considerando natural e inquestionável a convivência em liberdade e no âmbito de uma democracia social e política. Importa sempre lembrar, no seio daquele esforço que compreende a preservação dos Valores de Abril, o que era o nosso País antes de Abril e o que representou a Revolução como ato e processo, o que significam as suas conquistas, as suas transformações, as suas realizações e a

participação de todos, com vista à preservação perene das inscrições evocativas desta data notável. Senhoras e Senhores, É preciso dizer que a Revolução de Abril se fez para conquistar a liberdade e a democracia política, mas que se fez também, porque o povo assim quis, para romper com as injustas relações económicas e sociais que vigoravam na sociedade portuguesa. Que trouxe consigo os direitos políticos, mas também os de cidadania, os laborais e os culturais. Que se fez contra o fascismo mas também contra as forças que o sustentavam. Foi a Revolução de Abril que trouxe ao povo português o salário mínimo e as pensões e reformas, o subsídio de desemprego e o 13º mês, as férias de trinta dias e os direitos de maternidade, o acesso universal à saúde, ao ensino e à segurança social e uma mais justa repartição da riqueza. Foi a Revolução de Abril e a vontade do povo, que pôs fim ao colonialismo e à guerra colonial e reconheceu o inalienável direito à independência dos povos colonizados. Foi a Revolução de Abril que pôs fim ao domínio da economia pelos monopólios do fascismo, ao condicionamento industrial, e abriu caminho à dinamização económica e a um desenvolvimento ao serviço do bem coletivo. Foi a Revolução de Abril que impôs a igualdade entre homens e mulheres. Foi a Revolução de Abril que abriu um período de intensa participação popular na vida do país, que foi sem dúvida o momento da nossa história em que a democracia participativa foi mais profundamente exercida. Foi a Revolução de Abril que com a Reforma Agrária fez cultivar terras incultas, deu trabalho nos campos, e aumentou a produção agrícola. Por tudo isto Abril foi uma Revolução. Excelências, Com Abril afirmamos a necessidade de um novo rumo para a construção europeia que assegure uma Europa dos trabalhadores e dos povos, de cooperação e de paz, que conduza a ruturas necessárias que possam libertar povos e países inteiros de políticas, constrangimentos e imposições que estão na origem da profunda crise que se vive, atualmente, na Europa. Desde logo, no nosso País, onde a situação evidencia a necessidade e premência de libertar Portugal da submissão ao Euro e às imposições da União Europeia, a par com a renegociação da dívida e o controlo público da banca e dos sectores estratégicos. É esse o contributo que em Portugal estamos a tentar dar para reabrir caminhos de esperança na Europa. A certeza com que o PCP comemora o quadragésimo terceiro aniversário da Revolução de Abril é, por isso, a certeza de que mais cedo que tarde o povo português há de querer retomar esse caminho libertador de Abril, numa pátria de homens e mulheres livres e de jovens como obreiros do futuro. Dizemo-lo com a Liberdade que nos foi conferida e pela qual lutaremos até ao fim. Para que Portugal atinja os patamares de progresso e desenvolvimento a que tem direito pelo seu passado, pelas suas potencialidades naturais, pela sua capacidade como povo determinado, que já revelou ser ao longo de toda a sua história de oito séculos, é necessário afirmar as políticas indispensáveis para o futuro de Portugal e para que Abril se cumpra de uma vez e para sempre. Com Abril afirmamos a necessidade de uma viragem no País que garanta a construção plena de uma democracia plena. Com Abril afirmamos a necessidade de mais solidariedade, mais justiça social, mais liberdade. Com Abril acreditamos no futuro. Pela Democracia! Pela Liberdade! Pelos Valores de Abril! Por Portugal! Viva o 25 de Abril! Muito obrigado!" ~~~~~

----- **VÍTOR PATRÍCIO RODRIGUES RIBEIRO (CDS-PP):**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Recordámos hoje o “25 de Abril” que é um dos sinónimos da liberdade. E a liberdade é um dos pilares fundamentais da democracia. Saudamos aqueles que lutaram por um país livre e democrático que se concretizou em dois momentos fundamentais: A queda do regime do estado novo e a realização das primeiras eleições livres de 1975. Estamos aqui hoje porque um grupo de militares “os capitães de Abril” libertaram o país das amarras da ditadura. Foi um ponto final, num regime que esperamos não mais voltar, e, simultaneamente, um ponto de partida para um país marcado pelo regresso da cidadania à vida coletiva. Hoje com os meus 40 anos, integro uma geração que não viveu os momentos da libertação, mas sim os momentos da virtude de um estado democrático. Nasci por isso numa sociedade em liberdade. Por isso, como a maioria da população portuguesa, tenho dificuldade em compreender uma sociedade em que a “opinião é perseguida e onde o voto não é livre”. Podemos imaginar, através dos olhos de outros, o quão importante foi este momento para a sociedade portuguesa. Mas acima de tudo, para nós, esse foi também um compromisso para o futuro. Para nós manter viva esta memória requer que enfrentemos os novos desafios com a mesma determinação para satisfazer as necessidades das gerações vindouras. Minhas senhoras e meus senhores, Mas hoje livres vivemos com outras amarras que tendem a ofuscar o sonho dos capitães de abril em construir um Portugal livre e mais equitativo. A liberdade alcançada com muito esforço está refém hoje: - De uma sociedade que felizmente envelhece, mas onde os mais velhos são tidos, por vezes, como um fardo; - De uma sociedade onde filhos que não respeitam os pais e de pais se desvincularam dos filhos; - De uma sociedade que onde a liderança do professor ou do agente da autoridade se substitui pelo desrespeito; - De uma sociedade onde as desigualdades territoriais e humanas se acentuam; - Numa sociedade onde se tende a falar da “morte assistida” ao invés de valorizarmos a “vida assistida”. Falamos em acabar com a vida ao invés do falar em acabar com o sofrimento. Conquistamos o direito ao voto livre. Significa que o poder é das pessoas, o poder é dos homens e das mulheres. Mas hoje, mais do que nunca, devemos valorizar o sentimento do dever, da dignidade e da justiça. E quando o fazemos estamos a honrar o compromisso com os homens e as mulheres das nossas terras. Muitas vezes confundimos o que devemos honrar e, por isso, é que o sistema partidário entra em crise e em descrédito. Não queiramos transformar a liberdade de abril numa liberdade das amarras. Sejamos também capazes de conquistar novas liberdades: aquelas que libertam a sociedade da solidão, do isolamento, do desprezo, do “*bullying*”, da ingratidão, da desonra, da exclusão, das assimetrias. E se estas liberdades são tão difíceis de alcançar imagino as dificuldades porque passaram os capitães de abril. Viva a Liberdade! Viva Portugal! Viva Amares!” -----

----- **MARTINHO GONÇALVES ANTUNES BRAGA (PSD):**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Encontramo-nos, aqui hoje, para mais uma vez celebrarmos, um dos momentos mais valorosos da história do nosso país: o momento em que o sentimento de liberdade emergiu do coração dos portugueses para se transformar em realidade.

Celebramos hoje o Dia da Liberdade, o dia a partir do qual o povo português pode sentir o que era a liberdade e a democracia. Liberdade de pensamento e de expressão, de esperança num país que representasse dignidade, desenvolvimento e progresso, proteção social e qualidade de vida para os seus cidadãos. Minhas Senhoras e Meus Senhores, 43 anos se passaram, mas ainda assim, não podemos descurar a luta pelos valores de Abril, e uma das formas de o fazer, será reconhecer a importância, cada vez maior, do associativismo. O associativismo representa um processo de democratização ampla da sociedade, assente na participação dos cidadãos na resolução dos seus problemas sejam estes sociais, culturais, recreativos, desportivos ou outros. O movimento de associativismo permite aos cidadãos afirmarem a sua identidade de forma livre e espontânea. As organizações associativas funcionam como plataforma estratégica de qualquer política de desenvolvimento, pois constroem pontes de solidariedade, permitem uma vivência em comunidade, favorecendo, assim, o exercício da democracia e da cidadania. Assim sendo, só após o 25 de Abril de 1974, a participação dos portugueses em organizações associativas se tornou mais significativa, pois anteriormente a este momento, a pressão social e política em que o país se encontrava dificultava esta participação, que ainda assim é um pouco reduzida. O associativismo visa a solidificação e dinamização da sociedade, sendo um catalisador para a mudança e inovação social, construindo nova cidadania e definindo a identidade local. A dedicação que muitos depositam, ou que depositaram, na promoção e execução das atividades realizadas pelas associações, muitas vezes em detrimento do seu espaço pessoal e familiar, merço de todos nós uma palavra de profundo apreço e reconhecimento por esse contributo inestimável. Promover a II Semana do Associativismo do concelho de Amares é também uma forma de comemorar os valores de Abril. Minhas Senhoras e Meus Senhores, Depois de muitos anos de ditadura, o povo português reconquistou a liberdade. Liberdade de pensamento e de escolha. Ao longo de muitos anos de repressão, Portugal viveu dominado por um único partido - a União Nacional - onde todos os dirigentes políticos eram nomeados por este, impedindo a participação do povo na sua escolha. Tudo mudou com a revolução de Abril: Eleições livres e democráticas, onde qualquer pessoa se poderia candidatar e onde cada cidadão podia escolher e votar. Assim, é possível uma participação ativa na vida política, com decisões tomadas ao nível nacional e local. O poder local estando mais perto das populações, toma contacto direto com as suas necessidades, percebendo e discutindo as suas críticas e propostas, para em conjunto encontrar as melhores soluções. Ao longo dos anos foram várias as áreas de intervenção, desde a criação de estradas e caminhos, o abastecimento de água, a rede de saneamento básico (com ainda muito por fazer), inúmeras infraestruturas implementadas que fizeram chegar às populações a cultura e o desporto, e ao mesmo tempo valorizar as tradições apoiando instituições culturais, sociais, recreativas e desportivas. Em suma, o poder local foi, e é, fator determinante para garantir um desenvolvimento de proximidade e integrado com as populações e a melhoria das condições de vida dos seus cidadãos. Será por isso justo, deixar uma palavra de apreço e reconhecimento a todos os autarcas, municipais ou de freguesia, mas em particular para os Srs. Presidentes de Junta, que estando na linha da frente, junto das pessoas, na luta pelo desenvolvimento,



corporizando o seu sentimento na defesa das diferentes causas, assumindo uma disponibilidade total, seja de manhã, à tarde ou à noite, para ouvir as preocupações e resolver os problemas colocados. São mulheres e homens, obreiros incansáveis do desenvolvimento e da defesa da causa pública que fazem com que os valores de Abril ganhem corpo todos os dias. Minhas Senhoras e Meus Senhores, Vivemos hoje no nosso país em Democracia e em Liberdade. Valores conquistados, através de uma luta incansável, por aqueles que acreditaram até ao fim, que um dia seria possível. Democracia e Liberdade - A herança mais preciosa que o 25 de Abril nos deixou. E como tal, esta herança tem que ser cuidada, todos os dias, para que possa ser transmitida às gerações futuras. Nada está adquirido perpetuamente, nem mesmo a Democracia. Assim, é da maior importância que os jovens, filhos e netos, daqueles que viveram na primeira pessoa a realidade antes e após o 25 de Abril, se inspirem nesse património para manter vivos, e vividos, os valores de Abril. Muitos foram aqueles que naquele dia, e muito antes dele, travaram a luta pela liberdade. E, é nos jovens, na sua força, determinação e irreverência que depositamos a nossa confiança num futuro melhor. Na construção de Portugal e de uma Europa solidária, assente na coesão social, na paz e na liberdade, edificada sobre o pilar da democracia, com capacidade para resistir à tentação dos populismos mais diversos e radicais. Ou seja, um Portugal e a uma Europa inspirada nos valores de Abril. Uma palavra final para agradecer, e dar os parabéns, a todos os que contribuíram para tornar as comemorações do 25 de Abril no momento único, especial e sobretudo com muito entusiasmo e alegria. A todos um bem-haja! Viva o 25 de Abril! Viva Amares! Viva Portugal!" -----

----- **ANTÓNIO JORGE FERREIRA PINTO (MIAP):-** Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: "A recitação do poema "Cântico Negro" de José Régio que os alunos do Agrupamento de Escolas de Amares nos presentearam, pôs-me numa situação embaraçosa, uma vez que tinha preparado para a minha intervenção, a recitação do mesmo poema. Assim sendo fui obrigado a fazer alterações de ultima hora, à minha intervenção. Apesar do desconforto, fico feliz pela recitação brilhante que acabamos de assistir. Todos nos sentimos orgulhosos pelos nossos alunos e redobramos a esperança num futuro garantido, isto é Abril. "Cântico Negro" reclama a liberdade. Num mundo ditado pela ditadura económica e financeira onde cada um de nós é apenas um número, onde emergem novas formas de escravatura no mundo do trabalho, especialmente nos jovens e trabalhadores menos qualificados, este poema intemporal tem uma atualidade absoluta. Faz-nos refletir, na qualidade das escolhas que temos que fazer e que caminhos temos que seguir para deixarmos aos nossos filhos um mundo melhor. Termina com a recitação do último verso de "Cântico Negro" -----  
Ah, que ninguém me dê piedosas intenções! -----  
Ninguém me peça definições! -----  
Ninguém me diga: "vem por aqui"! -----  
A minha vida é um vendaval que se soltou. -----  
É uma onda que se levantou. -----  
É um átomo a mais que se animou... -----

Não sei por onde vou, -----  
Não sei por onde vou -----  
Sei que não vou por aí! -----  
Viva a liberdade! Viva Portugal! Viva Amares!” -----

----- **FRANCISCO ANTÓNIO PEREIRA ALVES (PS)**:- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Passados estes 43 anos continuamos a falar de abril, não apenas para cumprirmos uma mera celebração, mas para continuarmos a manter vivos os propósitos que tiraram o país de um regime ditatorial; para repetir, as vezes que forem necessárias, as causas e a revolução, a fim de que as memórias não se extingam, cumprindo-se, assim, abril, sempre que o lembramos, sempre que sobre ele discursamos. E se, porventura, as palavras não alterarem a realidade, pelo menos levar-nos-ão a pensar e a tomar consciência dos acontecimentos e dos factos que nos ajudarão a mudar a realidade em que vivemos, no sentido da nossa atual contribuição para a construção de um país que queremos sempre melhor. Consintam-me, então, que me dirija, em primeiro lugar aos mais novos, hoje com marcada presença nestas celebrações, para quem tudo o que à Revolução dos Cravos pertence ainda permanece algo distante, sem grande significado, dizendo-lhes, por isso, muito pouco. Queremos afirmar-lhes que as transformações que Abril operou, na sociedade portuguesa, nos ajudam a entender a história do país atual. Que a ditadura e o totalitarismo, durante meio século, fizeram mergulhar o país num profundo atraso económico, cultural e social. Que no sistema de governo que, então, dominava, à voz de um só homem emanavam o poder e as ordens, não havendo lugar à prática da democracia, nem mesmo a garantia dos direitos individuais. Que a Guerra colonial, a censura e controle dos meios de comunicação, a ausência de Liberdade e a perseguição aos políticos amordaçavam os portugueses, calando-lhes todos os sonhos. Que os excessos das forças militares e da polícia política eram usados como forma de reprimir manifestações que significassem algum tipo de oposição à ditadura instalada. Que a inexistência de eleições ou, simplesmente, a manipulação das mesmas, não admitiam quaisquer mudanças de política. Que o racionamento, a discriminação, a fome e a miséria grassavam no País, silenciando o humilde e laborioso povo português. E esta maleficência, calava fundo nas famílias e nas gerações em crescimento. Marcas para a vida que, ainda hoje, emperram a democracia que, com toda a certeza, ainda não goza de plena maturidade. Como se tudo isto não bastasse, destacava-se uma inaudita propaganda governamental como forma de exaltar o poder e a figura do ditador, o culto da sua personalidade. Admitimos que os jovens de hoje terão, naturalmente, dificuldade em perceber estas encruzilhadas da história e de vidas sentidas e experimentadas. Os mais novos podem achar estranho o nosso discurso quando existe acesso aberto à saúde, habitação e à educação, se usamos telemóveis sofisticados, se comunicamos livremente, nos cafés, nos bares, na praça pública e se vamos, sem medos, a festas e a espetáculos com os amigos, dizendo abertamente o que se sente e pensa. Então, as novas gerações precisam que se lhes fale de abril e das suas causas! Assim a liberdade e a democracia serão mais valorizadas. Contar abril aos jovens é falar-lhes da história recente de Portugal e fazê-los compreender que não foi por acaso e de

ânimo leve que os capitães ousaram derrubar um regime opressor. Falar de abril aos jovens é transmitir-lhes que apostar no conhecimento e no incremento cultural não é dissipação, mas investimento, é formação que, nas suas vidas, lhes incutirá responsabilidade e pautará as suas escolhas e decisões, no exercício de uma plena cidadania. Falar de abril aos jovens é dizer-lhes que pelo facto de nós termos tido o privilégio de viver parte da nossa vida em liberdade e eles, mais jovens, gozarem o privilégio de terem nascido no seio dela, somos todos depositários dessa maravilhosa herança, cabendo a todos nós defender, sempre, a liberdade e contribuir, diariamente, para a sua afirmação, o seu aperfeiçoamento e a sua prática. Falar de abril aos jovens é aproximá-los, de forma elucidativa e pedagógica, dos locais memória onde abril foi exasperadamente desejado por uns, vetado por outros, onde, através dos verdugos do regime, se sufocou a expressão, reprimiu o pensamento, e se restringiu a opinião e a liberdade. Falar de abril aos jovens é integrá-los em práticas de observação, participação e recreação, organização nos grupos e sociedades em que se integram, levando-os a perceber os males do passado que impediram o desenvolvimento, económico, social e cultural do país. De facto, a democracia e a liberdade, muito mais do que a existência de eleições, são um código de conduta, são a formação, a educação, a cultura, são a sensibilidade, a perceção de tudo o que nos rodeia, são a vida condignamente vivida! Falar de abril aos nossos jovens é fazê-los sentir que numa Democracia Plena não pode faltar a liberdade de expressão; a liberdade de dizer aos outros aquilo que eles não querem ouvir; a liberdade que exigimos para os que pensam como nós, mas, sobretudo, a liberdade que exigimos para aqueles que discordam daquilo que nós pensamos e exprimimos. Falar de abril aos jovens é persistir, junto deles, que é preciso estarmos atentos e que não devemos ter qualquer receio de sair à rua para reivindicar e franquear as portas que abril abriu, porque Portugal e Amares têm futuro, um futuro que depende muito de cada um de nós e daquilo que formos capazes de fazer pelos outros e pela nossa terra. Em suma, falar de abril aos jovens é implementar e dinamizar o exercício da democracia, com as autarquias ao leme, de forma persistente e insistente, imaginativa também, num esforço de todos e para todos na senda do desenvolvimento da sociedade em que nos integramos. Atualmente, porém, vivemos uma crise que afasta os jovens e o povo, em geral, dos políticos! De quem a culpa? Por certo que destes últimos. Em consequência disso, os cidadãos afastam-se, desinteressam-se do debate público e da própria participação cívica. A política levou o comum dos cidadãos a uma postura de suspeição que não se compadece com o oportunismo, com o clientelismo e a corrupção, quando, ao invés, inicialmente, a política e os políticos eram motivo de grande respeito e de saudável prestígio. Daí o ceticismo com que, cada vez mais, os eleitores olham o processo político, o acontecer da política, em cada dia que passa. Daí os juízos negativos que os políticos e a classe política, em geral, tantas vezes lhes merecem. Neste âmbito, nem o poder local escapa aos olhares céticos do povo, quando as suas relações de poder se concretizam, tantas vezes, na aplicação de estratégias entranhadas de interposições clientelares, com particular clareza junto do poder dominante que se encontra em condições de redistribuir recursos e recompensas a seu bel-prazer. E para quem anuncia cedo, antes de todos, a sua candidatura a um mandato que se avizinha, está, a partir

desse preciso momento, a limitar as suas decisões e as suas atitudes. Se concretiza algo que foi aprovado nos órgãos do poder local, é legítimo, embora criticável porque tardio, mas se o faz para além das aprovações e deliberações exigidas, é puro eleitoralismo condicionador da liberdade emanada de Abril! Por isso, enquanto alguém, no exercício do cargo para que foi eleito, não se assumir como candidato, pode, sempre, invocar a pele e a roupagem do cargo que ocupa para fazer propaganda, muito embora, muitas vezes à custa do povo. Porém, enquanto candidato, é imperioso para a qualidade e veracidade da democracia e da liberdade que esse alguém se assuma e vá a jogo, mas sem roçar o ridículo, de forma limpa, sem a tentação do uso e abuso do poder que lhe foi dado pelo povo apenas para governar. Com atuações deste tipo, os políticos nem se dão conta de que estão a coartar a liberdade dos outros através de insinuações vis e manipulações torpes, mostrando um total desprezo pela liberdade que lhes consente tomarem as atitudes que tomam, dizerem o que dizem e escreverem o que escrevem, a liberdade que, dissimuladamente, apregoam e afirmam defender sem cedências. Para esses, o 25 de Abril está longe de ter cumprido a sua missão. Esses ainda não estão preparados para divulgar e transmitir ABRIL! É por isso que a memória do 25 de Abril deve ser, continuamente, invocada. Cumprir ABRIL é fazer brilhar o Sol onde a sombra e a penumbra ainda queimam mais que o fogo, no quotidiano das vidas de muitos portugueses. Cumprir Abril é garantir a todos a dignidade do viver, é honrar e desenvolver, é, sobretudo, amar, porque com base no amor tudo se resolve! Por isso, nunca é demais recordar o 25 de Abril para que não se extinga a chama da Liberdade que os portugueses, durante tantos anos de luta e sonho, de resistência, de esperança e fé, de sufocos e lágrimas souberam conquistar para que fosse melhor o futuro dos nossos filhos e dos nossos netos, o futuro da nossa terra, o nosso futuro, o futuro de Portugal. Então, como dizia um poeta amigo:-----

Se parares, é sempre alguém onde chegaste.-----  
Acredita e age, faz-te estrada: -----  
Nunca se sabe quando do nada -----  
Nasce tudo pelo muito que sonhaste. -----  
Enche-te de rumo, cravo e asa. -----  
Mas nunca te deslumbres nem te ofusques -----  
E disso não te esqueças. -----  
Que só na liberdade busques, -----  
Para que sem forçar recebas -----  
Os abraços e os frutos que mereças. -----  
E, vás por onde for, -----  
Mesmo se ante ti transparece -----  
Traição e lama: -----  
Agarra a tua flor -----  
E com ela floresce -----  
E ama. (*Poema de Jorge Tinoco*) -----

**Viva o 25 de ABRIL, Viva Amares, Viva Portugal!** -----

----- **PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL:**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Estamos aqui hoje porque há 43 anos Portugal nasceu para um tempo novo, despertou “da noite e do silêncio”, como descreveu Sophia de Mello Breyner, e, com a ousadia dos Capitães de Abril, inaugurou a palavra Liberdade. Nesta manhã de Abril, dirijo-vos estas palavras com o pensamento nas futuras gerações. É a elas que temos de dizer porque é que continuamos a estar aqui neste dia, ano após ano, para celebrar e honrar a bravura dos heróis e dos civis que fizeram a Revolução dos Cravos. E é a elas que temos de falar do futuro e do papel de cada um nesta construção da democracia. Efetivamente em quatro décadas assistimos a conquistas enormes e modificações profundas em várias dimensões da vida de Portugal. Ao nível da saúde, por exemplo, verificamos que a taxa de mortalidade infantil caiu de 77,5 para 3,4 em mil nascimentos. Na educação constatamos que, na década de 70, a percentagem de analfabetismo representava cerca de ¼ da população. Hoje temos cerca de 5% da população analfabeta e mais de 70% concluiu o ensino secundário, em contraponto com os 3,8% de 1970. Em 43 anos, com o papel fundamental exercido pelo poder local, o cenário do país alterou-se radicalmente. Construímos estradas, edifícios e casas, melhoramos as condições de habitação e alargámos o acesso à educação, saúde, pão e habitação. E o que faz falta hoje ao 25 de abril?

De facto, estamos já mais preparados para os desafios do mundo global. A realidade de um país acorrentado pela censura, com presos políticos, guerra, PIDE e uma pobreza extrema parece uma realidade distante. Ainda assim, retomar os valores desta revolução que pôs fim a 48 anos de ditadura torna evidente o quanto ainda é necessário lutar pela liberdade e aprofundar a consolidação da democracia. Minhas Senhoras e Meus Senhores: Defendi neste mandato como Presidente de Câmara a importância da humanização da ação política, da abertura e do diálogo como ingredientes essenciais para criar pontes com a sociedade civil. Tenho feito esse caminho com a convicção de que promover esta cidadania atenta e participativa é imperativo para que se consiga atuar sobre as reais desigualdades e os dramas sociais e humanos que estão tantas vezes camuflados na nossa sociedade. Faço-o com a convicção de que a política é um campo privilegiado de atuação na causa pública e no bem comum. Um terreno que deve ser cada vez mais alargado e participado. Os nossos olhos estiveram e estão postos no futuro. Num futuro para Amares feito de progresso e afirmação, de sucesso e de orgulho. Um futuro feito de oportunidades. Autarcas, Deputados, Minhas Senhoras e Meus Senhores: Na era das cidades inteligentes sabemos que o sucesso passa pela aposta no desenvolvimento humano e nas potencialidades materiais e imateriais de cada concelho. Sabemos que crescer exige sustentabilidade. Por isso, focados nesse objetivo, equilibrámos as contas do município para fazer face aos investimentos que antecipamos para Amares. Sem precipitações nem urgência de apresentar obra, programamos os projetos que candidatamos aos fundos europeus. Estamos a concretizar as intervenções na rede viária, vamos iniciar o alargamento da rede de saneamento. Efetuámos melhorias em todas as freguesias do concelho. Mas, acima de tudo, nestes quatro anos de trabalho, projetámos o nome de Amares e implementámos medidas diretas na promoção da

maior riqueza do nosso concelho - o seu capital humano. É nas pessoas e na sua felicidade que está grande parte do potencial de progresso de uma civilização. Caros cidadãos amarenses: Vamos continuar a cumprir Abril estabelecendo pontes e diálogos que ultrapassem as nossas legítimas divergências e barreiras. Congratulo-me por ver tantos jovens na manhã de hoje aqui nos Paços do Concelho. Nós que assumimos papéis na vida política de Amares temos este desafio de os trazer para o centro das discussões promovendo uma cultura democrática entre a troca de experiências que resulta da sabedoria dos mais velhos e das aspirações enérgicas e apaixonadas dos mais jovens. As comemorações alargadas do 25 de Abril, que este ano voltam a integrar homenagens e a II semana do associativismo, levam mais uma vez Abril ao Povo. É assim, desta forma, que o queremos celebrar. Viva a Portugal! Viva o 25 de Abril! Viva Amares!” -----

----- **PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:**- Transcreve-se na íntegra o texto que serviu de base à sua intervenção: “Minhas senhoras e meus senhores, começo, naturalmente, em nome da Assembleia Municipal de Amares, por agradecer e saudar a vossa presença e a todos os que contribuíram para a realização destas comemorações. Às associações: Banda Filarmónica de Amares, Estudos Musicais da Associação de Fomento Amarense, Clube Desportivo Recreativo e Cultural Amarense, Bombeiros Voluntários de Amares, Núcleo da Cruz Vermelha de Amares e Secção Columbófila de Amares, entre outras. A todas as crianças e jovens e respetivos docentes que nos proporcionaram os momentos musicais e encenações que engrandecem estas comemorações. Trazendo consigo a alegria, o otimismo e a cor que são a marca que queremos para este dia. Agradeço aos seus pais e familiares pela disponibilidade que tiveram em os levar aos ensaios e os trazerem neste dia. Ao Agrupamento de Escolas de Amares, na pessoa do seu diretor, professor Pedro Cerqueira e a vice-diretora Flora Monteiro, e aos docentes envolvidos que organizaram e promoveram dois momentos nesta cerimónia que em muito vos deve orgulhar e nos orgulha a todos nós. Agradeço à professora Ana Forte, à professora Vânia, ao grupo de teatro Timbras e à inspiração do discurso da Catarina Cunha. Ao Gabinete do Associativismo do Desporto e Juventude da Câmara Municipal de Amares, pelo trabalho meritório que tem desenvolvido num esforço para a promoção do diálogo interassociativo, patente nas atividades que decorrem na semana do associativismo de Amares, associadas também a estas comemorações. Por fim, quero referenciar, uma pessoa em particular, pela sua disponibilidade, liderança e entusiasmo com que se entregou à realização destas comemorações. Refiro-me à professora Filomena Araújo, que foi a mola que possibilitou realizarmos uma pequena transformação no alinhamento destas comemorações, no sentido de envolver mais a sociedade civil, em particular, os mais jovens. Pedia a todos uma salva de palmas para a professora Filomena Araújo. Este maior envolvimento, da sociedade civil, tem a humilde pretensão de mostrar a todas as gerações, especialmente aos mais novos, que este é um dia para ter no coração. Minhas senhoras e meus senhores, neste Órgão Autárquico, eleito democraticamente em 2013 e que é representativo de todos os amarenses, celebramos hoje solenemente, uma data que há 43 anos mudou Portugal e que permitiu traçar um novo caminho para o nosso País e para o nosso Concelho. Ao evocarmos esse marco que tantas consequências haveriam de ter nos destinos de Portugal, fazemo-lo para

reafirmar, solenemente, o nosso total empenhamento na defesa da liberdade e no aperfeiçoamento da nossa democracia pluralista. O envolvimento das crianças e jovens nas comemorações do 25 de abril reveste-se de uma importância fundamental para a manutenção da memória coletiva da revolução de abril, em particular, a memória da ausência da Democracia.

Com cidadãos informados a Democracia será hoje e amanhã. Cabe a todos manter vivo o ideal Democrático e defender as conquistas do 25 de Abril. Contribuindo para que as novas gerações possam dar continuidade a este espírito democrático e se consciencializem dos seus direitos e deveres sociais. Minhas senhoras e meus senhores, -----

Aproveito estas celebrações para solicitar a todos, em particular aos nossos jovens, empenho na vida política ativa e para lhes despertar interesse pelas questões de natureza política, mesmo aquelas que lhes pareçam menos importantes. Porque todas as escolhas são importantes. E mesmo as pequenas escolhas poderão ser as grandes escolhas com enormes consequências no futuro. O seu envolvimento informado e consciencializado com os valores democráticos e republicanos é crucial. Porque serão eles que vão, no futuro, apresentar projetos à população, ou escolher de maneira fundamentada, as diferentes opções e projetos que lhes serão apresentados pelos agentes políticos locais ou nacionais, tanto nos atos eleitorais como na gestão pós eleitoral. Minhas senhoras e meus senhores, -----

Passados 43 anos importa recordar, de forma sublimada, os valores de Abril para os utilizamos novamente como fonte de esperança, num momento tão difícil como o que atravessamos. O mundo de hoje apresenta-nos perigos que julgávamos há muito definitivamente erradicados: o racismo, o nacionalismo agressivo, os fundamentalismos religiosos, o economicismo egoísta sem dimensão social. Fenómenos de corrupção, promiscuidade entre os negócios e a política, entre interesses públicos e privados, etc. Abril tem de continuar a ser um capital de esperança e uma referência das várias gerações e, ao mesmo tempo, uma exigência de igualdade de oportunidades em áreas como a educação, saúde e justiça. Mas acima de tudo, em consequência dessa exigência, uma aposta no desenvolvimento económico sustentável dando a primazia a instrumentos imprescindíveis à concretização de um sistema de solidariedade intergeracional e de segurança social, fatores fundamentais da coesão social e dignidade humana. Minhas senhoras e meus senhores, -----

Esta sessão comemorativa dos 43 anos da revolução de abril é a primeira que realizamos após o falecimento do Dr. Mário Soares, um homem de abril e uma personagem incontornável da nossa história contemporânea na luta pela liberdade e pela solidez da democracia. Pretendo assim, evocar a sua memória, com uma pequena citação de uma sua intervenção na Assembleia da República, nas comemorações do 25 de abril de 1974, no seu último ano enquanto Presidente da República. “Invocando o 25 de abril, mas a pensar no futuro, dirijo-me a todos os Portugueses – através de vós, Senhores Deputados, seus legítimos representantes – incitando-os a que continuem e aprofundem o combate por um Portugal mais livre, mais solidário e mais justo. Não há mais nobre nem mais gratificante do que lutar por um ideal, desinteressadamente.” Viva a liberdade! Viva Amares! Viva Portugal!” -----

PERÍODO DE INTERVENÇÕES DO PÚBLICO

----- Não se registou qualquer formalização de pedido de intervenção. -----

----- Sendo doze horas e seis minutos e não havendo mais nada a tratar, o sr. Presidente da Mesa da Assembleia Municipal declarou encerrada a presente reunião (única), da primeira sessão extraordinária do corrente ano da Assembleia Municipal de Amares, da qual se lavrou a presente Ata, que tem como suporte gravação digital de tudo quanto ocorreu na respetiva reunião, que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada pelo Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, **João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros**, que dirigiu os trabalhos, e por mim, **Rui Agostinho Gonçalves Veloso**, Técnico Superior do Mapa de Pessoal único deste Município, para tal efeito designado, que a redigi e dou fé de que tudo se passou como nela fica exarado. -----

---

Presidente da Assembleia Municipal  
(João Januário Tomás Domingues Veloso de Barros)

---

O Técnico Superior  
(Rui Agostinho Gonçalves Veloso)